

Quando os estereótipos se revoltam: Histórias impossíveis - Levante e a cristalização de um novo olhar representativo para os negros no audiovisual¹

Victor Adriano RAMOS²
Universidade Federal da Bahia, BA.

RESUMO

O lugar-comum do negro no audiovisual brasileiro remete a uma posição de inferiorização (ARAÚJO, 2016; MOREIRA, 2019), fator que ajuda a consolidar a imagem a posição dessa população no imaginário social. Partindo do pressuposto de que as imagens geradas pela televisão e cinema ajudam a consolidar como o negro é percebido na sociedade, analisamos a série televisiva Histórias impossíveis — Levante, onde através do uso do gênero horror é feita uma subversão dos padrões representativos no audiovisual brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: audiovisual; representação; seriado; audiovisuais negros; comunicação.

CORPO DO TEXTO

As narrativas audiovisuais protagonizadas e realizadas por profissionais negros se inspiram nos mais variados estilos e temáticas, apresentando resultados convincentes e dentro de suas propostas políticas nos mais variados gêneros e mídias. Nos últimos anos, principalmente após a estreia do filme Corra! (Jordan Peele, EUA, 2017), o gênero horror se destacou apresentando obras com elevado teor crítico, dando novo fôlego para o gênero ao reinserir questões atuais sobre a discussão racial. No Brasil, o gênero horror nos anos 2010 também adquire novo fôlego a partir de obras que usam os elementos específicos do gênero para apresentar discussões de cunho social.

É nesta toada que a série “Histórias impossíveis” chama nossa atenção. Série antológica composta por cinco episódios, criada pelas roteiristas Renata Martins, Jaqueline Souza e Grace Passô. Foi exibida ao longo do ano de 2023 na Rede Globo, associado ao projeto “Falas” relacionadas às efemérides, Dia internacional da mulher (primeiro episódio “Mancha”), dia do indígena (segundo episódio “Pintadas”), dia do orgulho LGBTQIAP+ (terceiro episódio “Sísmicas”), dia do idoso (quarto episódio “Acesso”) e por fim ao dia da consciência negra (quinto episódio “Levante”). Em

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea - POSCOM, email: adrianovctr92@gmail.com.

comum a todos os episódios está a presença de personagens negros e indígenas em posição de destaque e a relação com o horror como modelo de construção narrativa.

Por se tratar de uma série antológica, ou seja, onde os episódios não precisam apresentar relação direta entre si, ligados apenas por uma temática em comum, apresentando início, meio e fim. A linha que os une é a perspectiva de realidade da mulher brasileira percebido através do horror. O primeiro episódio, exibido no dia 06 de março de 2023, contribui com o tom e estilo da série apresentando a relação entre duas mulheres, uma delas empregada doméstica e mulher negra, a outra sua chefe, uma mulher branca.

O primeiro episódio apresenta claramente as intencionalidades da série que se conectam a outras produções audiovisuais que também usam os elementos do gênero horror para, através do deslocamento da realidade, discutir questões sociais. Ao alterar, ou jogar narrativamente, a fonte de pavor, essas narrativas ilustram novas possibilidades de identificação. Em *Corra!* não é um fantasma que assusta, mas a ação violenta contra os corpos negros. Do mesmo modo, o que assusta em *“Mancha”* não é a possibilidade de aparição de um ser fantasmagórico, mas a evidente tensão racial, que evidencia um problema social brasileiro onde a população negra, em especial as mulheres, seguem sendo vitimadas.

O horror funciona então como um elemento de subversão, evidenciando através dos elementos fantásticos os elementos apavorantes da sociedade brasileira. É necessário esclarecer o que entendemos por horror, compreendendo que os estudos sobre cinema de horror/terror possuem muitas pesquisas que sustentam a discussão. Para nós, entendemos por horror aquelas representações audiovisuais que causam espanto quando interligadas a nossas percepções. De acordo com Norma Lazo (2007) o horror está associado a um sentimento que se forma a partir de nossas próprias elucubrações, já o terror está associado a um sobressalto produzido por um feito particular.

Desse modo, compreendemos a série *“Histórias impossíveis”* como uma narrativa de horror que usa elementos da vivência negra para que através da desassociação com a realidade seja possível acentuar os terrores da vivência social negra. Por se tratar de uma série antológica com diversas histórias diferentes, elegemos um episódio para análise, a saber *“Levante”* exibido em comemoração ao dia da

consciência negra. Neste episódio, Janaína (Grace Passô) é uma roteirista contratada para atuar em um projeto que necessita de um “olhar negro”. O local de trabalho, uma casa grande colonial que já serviu de cenário para várias produções audiovisuais, é estranho para a jovem que começa a perceber que os funcionários, todos negros, agem assustadoramente. Ao final nos é revelado que todos os funcionários são na verdade, personagens negros estereotipados, que se rebelam contra a “caneta branca” explodindo o engenho de estereótipos com a ajuda de Janaína.

Em “Levante” é possível compreender todos os aspectos referente ao uso do horror no audiovisual negro, além de evidenciar de forma satisfatória a maneira como as personagens negras são vistas no audiovisual brasileiro, via estereótipos que evidenciam o lugar subalterno no imaginário popular. A metalinguagem presente na narrativa se mostra rica para podermos explorar suas temáticas de modo satisfatório. Para isso recorreremos aos estudos relacionados aos estereótipos de personagens negras no cinema e televisão brasileiro a partir dos trabalhos de autores como Joel Zito Araújo (2019), Adilson Moreira (2019), João Carlos Rodrigues (2006). Além disso, também recorreremos às autoras Lélia Gonzalez (2020) em seus estudos sobre a mulher negra no Brasil e Patricia Hill Collins (2019) e seu conceito de imagens de controle bell hooks (2017).

Recorreremos ainda à literatura sobre o cinema de horror e principalmente a relação entre esse gênero e a representação negra nas telas. Este estudo tem como principal objetivo travar um diálogo entre as questões conceituais, principalmente aquelas que envolvem o audiovisual negro, e a construção narrativa do episódio “Levante”.

A Rede Globo, assim como várias empresas de comunicação mundial nos últimos anos tem promovido esforços de aproximação a temáticas raciais. Em seu principal produto audiovisual, as telenovelas, é possível observar a inserção de personagens negros em situações e desenvolvimentos que evidenciam suas características raciais de modo a não reproduzir traças estereotipados. Isso acontece não apenas em frente às câmeras, é possível observar a contratação de profissionais negros que ocupam diversas funções, como roteiristas, diretores de cena, entre outros. O próprio especial “Falas” exibido desde 2020, ilustra essa tentativa de aproximação.

O mercado de trabalho para pessoas negras em geral é marcado por uma forte exclusão nas mais variadas áreas. Para mulheres negras essa situação é ainda mais destacada, como afirmam as pesquisadoras Lélia Gonzalez, Patrícia Hill Collins, Cida Bento, entre outras. Essa exclusão é evidente em diversas áreas, mas no mercado audiovisual é bastante expressivo, basta analisar os dados da Agência Nacional de Cinema (ANCINE) sobre os profissionais do mercado audiovisual. Em pesquisa divulgada pela agência a porcentagem de pessoas negras com filmes lançados no mercado audiovisual é ínfimo comparado a profissionais brancos, destacando as mulheres negras esse percentual é ainda menor.

Levante, episódio escolhido para análise, exemplifica então a relação da mulher negra no mercado de trabalho, ilustra especificamente a mulher negra roteirista no mercado de trabalho audiovisual dominado por homens brancos. Situação que remete a carreira das roteiristas da série, podemos então associar a personagem Janaína (interpretada por Grace Passô) como um alter-ego das autoras.

Na trama a roteirista Janaina é contratada para uma sala de roteiro, em seu primeiro dia de trabalho - que acontece em uma fazenda colonial, semelhante aquelas extensivamente representadas em obras audiovisuais, principalmente nas telenovelas-, ela é confrontada com a motivação para seu contrato, ter uma pessoa negra na equipe com a intenção da obra não sofrer nenhum tipo de retaliação. Sendo a única negra em uma equipe formada por três homens e uma mulher branca, a situação de trabalho de Janaína logo começa a ficar estranha.

Inicialmente nos é apresentado sua situação de trabalho através dos incômodos provocados por ser a única profissional negra naquela sala onde suas ideias não pareciam ter nenhum valor. Situação que se assemelha às rotinas de trabalho de pessoas negras nas mesmas condições, elemento que transforma a narrativa em uma sátira ao mercado audiovisual brasileiro. Mas, além disso, a roteirista ainda é confrontada com outras situações fora do comum. Todos os empregados da fazenda são negros e tratados de forma característica por todos os roteiristas que estão ali.

As coisas ficam ainda mais estranhas quando nos é minimamente revelado a temática da série escrita naquele local, uma homenagem à empregada doméstica/babá do chefe da sala de roteiro. Fora dos trabalhos audiovisuais, Janaína percebe que os empregados agem de um modo estranho a presença de todos na casa, aos poucos ela

percebe que eles estão duplicados, além de trabalharem ininterruptamente. Os elementos de horror se prolongam na narrativa a partir desse momento, porém o que a narrativa explora, além das situações bizarras, é a estranheza daquelas relações de trabalho. O horror então está sendo explorado a partir dos dois vieses, deixando bem claro que mesmo Janaína ocupando uma posição privilegiada, uma roteirista contratada em uma série de televisão, ela continua com a mesma importância.

O horror na trama ainda se aprofunda, revelando mais noções que esclarecem as relações entre branquitude e a sociedade brasileira, assim como explora as condições de representação negra no audiovisual brasileiro.

Levante prossegue amarrando em sua estrutura, através da construção da narrativa, as problemáticas que envolvem a participação da mulher negra e da população negra em geral, na sociedade brasileira, através do olhar para o audiovisual. Os incidentes que levam a narrativa ao gênero de horror, aumentam a medida que mais coisas estranhas passam a acontecer pela casa. Conhecemos então um pouco mais dos empregados. Entendemos ao longo do episódio as suas motivações, uma vingança contra aquele cenário. Os personagens estereotipados conquistaram sua própria voz e resolvem então se rebelar contra o sistema, queimando então a grande casa colonial, a fazenda de estereótipos.

É sintomático ter uma roteirista negra nessa posição de auxílio, pois todos os outros profissionais brancos são queimados com a casa, apenas Janaína escapa indo de encontro a equipe de profissionais da série, quebrando a diegese e revelando que essa produção é formada por uma maioria de profissionais negros atrás das câmeras. Percebemos que a narrativa de Levante, em seus pouco mais de 40 minutos, consegue fazer uma elaborada crítica das relações de trabalho e da sociedade racista brasileira, elencando através do horror, uma possibilidade de libertação para a população negra, ainda que de forma imagética.

REFERÊNCIAS

Araújo, Joel Zito. **A negação do Brasil**: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Ed. Senac, 2019.

Collins, Patricia Hills. **Pensamento feminista negro**: Conhecimento, consciência, e a política do empoderamento. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

Couto, G. B., & Gerbase, C. (2021). A Mancha no cinema de horror brasileiro da década de 2010: Uma análise de *Trabalhar Cansa*, *Mormaço* e *O Animal Cordial*. **Revista Eco-Pós**, 24(3), 454–483. Disponível em <<https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i3.27636>>. Acesso em 24 de jan de 2024.

Farias Gomes, A. ngela, & Ramos, V. A. (2023). Tem negras nessa novela? A representação da mulher negra em *Lado a lado*. **Revista TOMO**, 42, e18803.

GARCIA, Yuri. Mantendo As Boas Maneiras: colonialismo e racismo estrutural no cinema de horror brasileiro. **Rebeca**, v. 12, p. 1-28, 2023.

Gonzalez, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Gonzalez, Lélia. **Primavera para rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. 1ª Edição. Editora Filhos da África, 2018.

Moreira, Adilson. **Racismo recreativo**. Editora Jandaíra; 1ª edição, São Paulo: 2019.

PÉCORA, Luisa. Renata Martins leva projeto autoral para a tela da Globo em ‘Histórias (Im)possíveis’. **Mulher no cinema**, 17 de abr de 2023. Disponível em <<https://mulhernocinema.com/entrevistas/renata-martins-sobre-historias-impossiveis-nao-ha-como-mudar-se-continuarmos-fazendo-as-mesmas-coisas/>> . Acesso em 23 de jan de 2024.

SANTOS, Isadora. “Encontro de talentos, respeito e muito afeto”, cineasta Renata Martins celebra estreia do especial “Falas” na TV Globo. **Mundo negro**, 4 de mar de 2023. Disponível em <<https://mundonegro.inf.br/cineasta-renata-martins-celebra-estreia-do-especial-falas-na-tv-globo/>>. Acesso em 23 de jan de 2024.

Santos, Richard. **Branquitude e televisão**: a nova África (?) na TV pública. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

SOUTO, Mariana. O que teme a classe média brasileira? *Trabalhar Cansa* e o horror no cinema brasileiro contemporâneo. In: **Revista Contracampo**, nº25, dez. de 2012. Niterói: Contracampo, 2012. Pags:43-60. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17270>> . Acesso em 24 de jan de 2024.